

MESTIÇAGENS E IDENTIDADES NEGRAS: UM OLHAR A PARTIR DA RELAÇÃO ÍNDIO-NEGRO¹

MIXING OF RACES AND BLACK IDENTITIES: A LOOK FROM THE INDIGENOUS-BLACK RELATIONSHIP PERSPECTIVE

Washington Santos Nascimento²

Recebido para publicação em 17/11/2007

Aceito para publicação em 22/04/2008

RESUMO

Este artigo tem por propósito fazer uma discussão sobre o processo de mestiçagem envolvendo índios e negros na região do Sertão da Ressaca, atual Vitória da Conquista e seu entorno, sudoeste da Bahia. Discuto também a formação no tempo contemporâneo de identidades dos descendentes deste contato. Para o primeiro aspecto desta discussão (relação índio-negro) faço uma revisão da bibliografia existente relativa a história do Sertão da Ressaca sobre o contato entre estes dois grupos, discutindo alguns documentos escritos, tais como o relato do príncipe Maximiliano Wied-Neuwied e outros documentos cartoriais. Já no segundo aspecto (construção de identidades), apresento o ponto da pesquisa em que me encontro, relatando as memórias de um descendente de índios com negros.

Palavras-chave: Índios. Negros. Mestiçagem. Identidades.

ABSTRACT

This purpose of this article is to discuss the mixture between indigenous and black populations in the Sertão da Ressaca and its surroundings, southwest of Bahia which nowadays is known as Vitória da Conquista. It is also discussed in this article the construction of identities of the descendants of this contact in present times. In the first part of the discussion, which refers to the relationship between indigenous and black populations, the existing literature on the history of the Sertão da Ressaca about the contact between these two groups is reviewed. Other documents are discussed, such as prince Maximiliano Wied-Neuwied's report. In order to develop the second aspect, that is, the construction of identities, I present the current stage of my own research by reporting the memories of an indigenous-black descendant.

Keywords: Indigenous population. Blacks. Racial mixing. Inter-racial identities.

¹ Uma versão deste texto foi apresentada durante mini-curso: "Mestiçagens e Identidades Negras" ocorrido durante o VII Colóquio do Museu Pedagógico da UESB/BA, ocorrido entre 14 e 16 de Novembro de 2007 e que teve por temática central "Educação: História, Memória e Práticas Sociais".

² Mestrando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), coordenador do grupo de pesquisa denominado "Grupo de Estudos e Pesquisas em História da África e da América Negra" ligado ao Museu Pedagógico – UESB/BA e Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/BA). Email: washington_docencia@yahoo.com.br.

Introdução

Uma certa época estava dentro de sala de aula de um curso de licenciatura em História e ao fazer uma discussão sobre cotas nas universidades brasileiras um aluno se vira para mim e me indagou, “Como definir quem é negro em um país profundamente misturado?”. Lembrei-me então de um prefácio escrito pelo escritor moçambicano Mia Couto³ e dei-lhe como resposta uma outra pergunta: “E para você o que é ser negro?”. Tal qual o interlocutor de Mia Couto que não sabia definir o que era ser europeu, o meu aluno também não soube definir o que era ser negro. Tentei então argumentar que “ser negro” não está ligado exclusivamente à cor de pele. É um demorado processo de construção; externa, através do processo de racialização promovido pela discriminação racial, e interna, através do processo de afirmação identitária.

Entretanto, mesmo que indiretamente, meu aluno estava correto em um ponto, a construção deste “ser negro” no Brasil toca também na questão da mestiçagem. Inegavelmente somos um país mestiço, com sociedade e culturas mestiças. Entretanto, pergunta Kabengele Munanga (2002), qual seria o ganho de termos uma identidade nacional mestiça num país onde o branco serve de referência para tudo⁴? Segundo Ricardo Ferreira (2004), a “morenidade” brasileira é um recurso simbólico de fuga de uma realidade em que o racismo e a discriminação são constantes⁵. A miscigenação tem servido, assim, de argumento para afirmar o quanto o brasileiro “aceita” a convivência entre as diferentes “raças” existentes em nosso país, ou seja, o fato de que não há preconceito racial no Brasil. Este argumento, segundo Carlos Hasenbalg (2005), contribui para a inércia do estado brasileiro em formular políticas de ações afirmativas⁶.

Em linhas gerais, como nos mostra Leila Hernandez (2002), a mestiçagem não significa ausência

de outras variáveis explicativas de uma determinada realidade social, como por exemplo as diferenças econômicas, bem como a ausência do racismo. No processo de mestiçagem cultural não podemos pensar que as culturas se interpenetram com igualdade. A pesquisa de Hernandez (2002) foi feita em Cabo Verde, África, mas as conclusões às quais chegou em muito se aproximam das análises feitas por Josildeth Consorte (2000) sobre o Brasil, que diz “a mestiçagem nunca foi expressão de ausência de preconceito, entre nós, e com ele convive até hoje⁷”. Nesse sentido o corpus que a idéia de miscigenação traz serve para escamotear o racismo, fortemente presente na realidade brasileira, e atentar contra a identidade negra.

Entender como a identidade da população negra tem se constituído é uma preocupação de diferentes autores como, por exemplo, Ricardo Ferreira (2000), Elisa Larkin (2003) e Nilma Lino Gomes (2006). Entretanto ainda são poucos aqueles que atrelam a discussão de identidade negra com o debate sobre mestiçagem, exetuando-se os trabalhos realizados por Kabengele Munanga (1995, 1999 e 2004) e Eneida Reis (1997).

Então como em um contexto arquétipo da realidade brasileira, marcado pela mestiçagem e pelo racismo, as identidades da população mestiça são construídas? Essa é a principal questão colocada em minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da professora Doutora Josildeth Gomes Consorte, e nas pesquisas realizadas juntamente ao Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra, ligado ao Museu Pedagógico/UESB.

Para fazer essa discussão escolhi a região de Vitória da Conquista, sudoeste da Bahia. Ela teve sua formação ligada a um profundo processo de mestiçagem que começou com o contato entre índios e negros antes mesmo da presença portuguesa. O primeiro europeu que chegou na região, então conhecida como o Sertão da Ressaca⁸, é o

³ COUTO, Mia. Prefácio. In: HERNANDEZ, Leila. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005, p. 131-156.

⁴ Ver MUNANGA. In: LARKIN Nascimento, Elisa *O sortilégio da cor. Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo, Selo Negro Edições, 2003.

⁵ Ver FERREIRA, Ricardo. Franklin. *Afrodescendente: identidade em construção*. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/FAPESP/ Pallas, 2000, p. 18.

⁶ Para um aprofundamento maior ver NASCIMENTO, Washington Santos. *Discriminação e desigualdades raciais: 26 anos depois. Lutas Sociais (PUCSP)*, v. 15/16, 2006, p. 206-208.

⁷ Ver CONSORTE, J. G. *A Mestiçagem No Brasil: Armadilhas e Impasses. Revista Margem*. São Paulo, v. 10, 2000. p. 113.

⁸ Ainda são incertas as razões pelas quais esta região obteve o nome de “Sertão da Ressaca”. Segundo o pesquisador Ruy Medeiros, “Ressaca” era um nome corrente na geografia popular e que significava “funda baía de mato baixo circundada por serra”, que traduzia a região do planalto da Conquista

João Gonçalves da Costa, negro, alforriado, que se casa com a Josefa, branca, de 9 anos de idade e constituirá a família que dominará economicamente e administrativamente a cidade até o século XX, quando, ainda no ano de 1982, um descendente direto do João Gonçalves, o engenheiro Pedral Sampaio, era prefeito da cidade.

Essa mestiçagem não foi somente biológica, mas, sobretudo cultural. Tento mostrar que o que chamamos de cultura popular nordestina, a exemplo das práticas curandeirísticas, dos ternos de reis, dos cordéis, dos desafios de cantadores, é fruto de um imbricado processo de mestiçagem cultural em que elementos indígenas, africanos e europeus se amalgamaram e formaram algo novo, mas que preserva as suas raízes, principalmente as africanas.

Entretanto, mesmo com essa profunda mestiçagem, o racismo sempre se fez presente, criando aquilo que chamo de “racialização” através da construção de “sobrenomes” ligados à cor da pele, como Manuel Preto, João Pretinho, Benedito Crioulo, Tadeu Nego etc, e da demarcação de fronteiras raciais, visível principalmente nos processos criminais que estou analisando.

Neste artigo escolhi apenas um aspecto desta discussão que é a história do processo de mestiçagem envolvendo índios e negros e a formação de identidades dos descendentes deste contato. Para o primeiro aspecto desta discussão (relação índio-negro) faço uma revisão da bibliografia existente sobre o contato entre estes dois grupos na região do sertão da Ressaca, discutindo alguns documentos escritos. Já no segundo aspecto (construção de identidades) apresento o estado da questão, ou seja, em que ponto da pesquisa me encontro, debatendo a construção identitária de um descendente de índios com negros.

História da relação entre índios e negros na região de Vitória da Conquista

Três grupos indígenas se fixaram na região do sertão da Ressaca, atual Vitória da Conquista e

seu entorno: os Ymborés, Kamakãs e Pataxós. Os Ymorés viviam entre os Estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Nômades, andavam em grupos que variavam de 50 a 200 pessoas. Dependiam da pesca e da caça, ao que parece só passaram a desenvolver a agricultura depois do contato com o europeu. Os pataxós habitavam as áreas do interior da Bahia compreendidas entre os rios Cachoeira e Pardo e os Kamakãs margeavam os rios Colônia, Pardo, Jequitinhonha e das Contas⁹.

Já os primeiros negros vieram para o sertão baiano se refugiando da escravidão nas comunidades quilombolas, causando desconforto e preocupação às autoridades coloniais. Em um dos primeiros documentos que trata da ocupação europeia e mais propriamente da região do sertão da Ressaca, Pedro Leolino Mariz, um dos principais responsáveis pela penetração e desbravamento de diversas áreas do interior da Bahia e norte de Minas Gerais¹⁰, incumbido à bandeira dirigida por André da Rocha Pinto de conquistar as atuais regiões de Rio de Contas e Vitória da Conquista, entre os rios de Contas, Pardo e São Mateus, para “encontrar metais preciosos, estabelecer fazendas de gado, matar índios que se opusessem a conquista, estabelecer aldeias e destruir quilombos que fossem encontrados”¹¹.

O que esse documento sugere é que a ocupação negra na região de Vitória da Conquista foi anterior à ocupação portuguesa. Em Ituaçu onde André da Rocha Pinto passara em 1732, ele vai encontrar a localidade denominada de Mocambo¹², onde passou a residir seu filho, Sebastião da Rocha Pinto. Designado por André da Rocha Pinto para percorrer o rio São Mateus (que passa hoje nas terras da cidade de Poções), João da Silva Guimarães

⁹ AGUIAR, Edinalva Padre. (Org.) **Ymboré, Pataxó, Kamakã**: A presença indígena no Planalto de Conquista. Museu Regional de Vitória da Conquista-UESB, 2000.

¹⁰ Para mais informações ver SOUSA, Maria Aparecida Silva. **A Conquista do Sertão da Ressaca**: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001, p. 31 a 33.

¹¹ Documentos relativos às minas, no tempo do superintendente Pedro Leolino Mariz (172 – 173) apud TORRES, Tranquilino Leovigildo (1859 – 1896). **O Município da Vitória**. Vitória da Conquista, Ba. Museu Regional de Vitória da Conquista/ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996 (série Memória Conquistense).

¹² Para mais informações ver NASCIMENTO, Washington Santos. Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876–1888). **Afro-Asia (UFBA)**, v.35, 2007, p.222 e 223 e NASCIMENTO, Washington Santos. Escravidão e Memória: Os negros no Arraial do Brejo Grande e na cidade de Ituaçu, Ba. In: **Revista Memória Conquistense**, v.7, Vitória da Conquista, Edições UESB, 2007. p. 22 e 23.

ver SOUSA, Maria Aparecida Silva. **A Conquista do Sertão da Ressaca**: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001, p. 13.

e João Gonçalves da Costa chegaram até à região onde hoje está localizada a cidade de Vitória da Conquista, em meados do século XVIII.¹³

Por essa época, João Gonçalves da Costa empreendeu algumas viagens ligando o interior até o litoral, mais especificamente o então Sertão da Ressaca até à vila de Ilhéus, com o objetivo de facilitar a penetração portuguesa no interior do Estado. Em uma dessas viagens encontrou algo que lhe chamou atenção. Vamos ao seu relato, contido em uma carta enviado por ele, em 1783, para o então Desembargador e Ouvidor de Ilhéus:

Devo dizer a V. M. que em algumas destas aldeias se acham metidos alguns escravos que fugiram lá debaixo e um mulato ladino que me dizem, é capitão de uma das aldeias [...] e esta foi uma das razões porque me não resolvi a fazer a paz, receoso de que os ditos escravos me fizesse alguma traição, vendo-me com tão pouca gente¹⁴.

Este é mais um documento que mostra a presença negra dentro de aldeias indígenas da região do Sertão da Ressaca. Outro fato interessante de ser analisado é que, na gradação feita pelo João Gonçalves da Costa, os indígenas seriam mais merecedores de confiança do que os negros, tidos por ele como traidores¹⁵.

Um outro aldeamento indígena em que existia a presença de negros se localizava nas proximidades do Sertão da Ressaca, nas margens do rio Grande de Belmonte¹⁶, e foi relatada assim pelo príncipe

¹³ Convém esclarecer que a palavra Mocambo, de significado semelhante a quilombo, foi utilizada para se referir ao lugar para onde os escravos se escondiam. Segundo Roy Glasgow, Mocambo era o nome da irmã mais moça da rainha africana Nzinka, que se utilizava de estratégias dos quilombos para guerrear com os portugueses e seus adversários. Para mais informações ver GLASGOW, Roy. **Nzinka** Resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582 -1663. São Paulo, Ed Perspectiva, 1982, p. 43.

¹⁴ Cópia da Carta de Desembargador e Ouvidor de Ilhéus aos Exmos Governadores. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Brasil – Avulsos (6 de Agosto de 1783), p. 160 apud SOUSA, Maria Aparecida Silva. **A Conquista do Sertão da Ressaca**: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001, p. 53.

¹⁵ Nesta mesma região em que o João Gonçalves da Costa encontra uma aldeia indígena com presença de negros, temos o caso do quilombo do Oitiziero, destruído por uma tropa composta por índios cariris em 1806, índios esses vindos da região de Pedra Branca localizada no recôncavo baiano. Para mais informações ver REIS, João. Quilombo do Oitiziero In REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio**. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁶ O Rio Grande de Belmonte, provavelmente era o **Rio Jequitinhonha** que nasce na cordilheira do Espinhaço, na serra da Pedra Redonda, em Milho Verde, lugarejo próximo da cidade de Serro-MG, banha o nordeste mineiro, ruma para o sul da Bahia e deságua no Oceano Atlântico na cidade de Belmonte, depois de percorrer cerca de 1.090 quilômetros.

Maximiliano:

Tinha nas margens do Rio Grande de Belmonte o resto de tribo de índios que a si mesmos dão o nome de Camacãs, os portugueses denominam-nos “menian”. Segundo aprendi, esses ‘menian’ constituem realmente um ramo dos camacãs, porem degenerado, não são mais da raça indígena pura, tendo a maioria deles o cabelo encarapinhado dos negros e também a cor escura (MAXIMILIANO apud VIANA, 1982, p. 26).

Na fala do príncipe, o caráter racial do povo indígena e uma idéia que irá ganhar força no Brasil, principalmente depois da abolição da escravatura, a mestiçagem era um elemento degenerativo, que maculava a pureza de qualquer povo. Para o príncipe, aqueles não eram mais índios, pois tinham se miscigenado.

A ligação entre negros e indígenas é antiga e segundo Pedro Paulo Funari pode ser percebida também no Quilombo de Zumbi dos Palmares (XVII – XVIII)¹⁷. Estudando arqueologicamente Palmares, Funari (1996) encontrou uma grande quantidade de cerâmica indígena. Segundo ele, o fato de ter encontrado tal cerâmica sugere que “a mescla cultural no assentamento quilombola devia ser, a exemplo de outros casos, muito intensa¹⁸”.

Um outro aldeamento onde pode ser verificada a presença de negros foi o de Cachimbo, atual Capinarana, distrito da cidade de Ribeirão do Largo, sudoeste da Bahia. Fundado pelo filho de João Gonçalves da Costa, Antonio Dias Miranda, foi administrada por algum tempo pelo frei Luis de Garva. Nele conviviam negros e índios mongoiós. Se a informação dada pelo príncipe Maximiliano for de fato verdadeira, a ocupação negra teria sido anterior à ocupação indígena e branca. Diz ele,

Três famílias de gentes de cor foram os primeiros moradores deste sertão, na época em que se teve a idéia de fundar nesse lugar uma aldeia [...] o governo nomeou um mulato para chefe dos kamakãs; reside nesta localidade e tem sob seus cuidados diferentes aldeias ou “rancharias” (WIED-NEWIED, 1958, p. 385-386).

Convém deixar claro que não estou plenamen-

¹⁷ FUNARI, Pedro. Arqueologia da Serra dos Palmares. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio**. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 46.

¹⁸ Idem p. 46.

te certo de que ao se referir a “gentes de cor” estaria o príncipe se referindo a negros e não a indígenas. Entretanto, ao analisar a sua obra, percebe-se que em decorrência de sua formação de naturalista, o príncipe caracteriza bem os índios enquanto Mongoiós, Camacãs, Pataxós etc, descrevendo seus hábitos. Entretanto, em se tratando de negros, quase nada fala. Novamente nesse relato, temos negros dentro de aldeias indígenas e com um mulato como administrador do aldeamento.

Na documentação analisada por mim, entre os anos de 1870 a 1930, encontramos apenas um processo em que faz referência à relação entre negros e índios. Trata-se de um processo crime de 1877, em que se encontra a história do índio Joaquim e do negro Vitor. O primeiro tinha 18 anos, era “famulo” do Tenente Joaquim Ribeiro Fernandes¹⁹. Segundo o dicionário Aurélio (2004) o termo famulo se refere a ser criado, servo ou mesmo um empregado, subalterno de algumas comunidades religiosas. Ao que parece, o índio seria um criado do tenente e também seu afilhado. Já o segundo, Vitor, era escravo desse mesmo tenente, nascido na Imperial Vila da Vitória, solteiro, tinha 30 anos. Mesmo com essa idade era chamado pelo seu senhor de “moleque”, provavelmente por ter sido criado desde pequeno dentro da casa do referido tenente.

No rol das testemunhas temos uma pequena mostra da diversidade étnica do sertão, apesar dos sobrenomes não serem um indicativo confiável. Entretanto serve para mostrar as diferentes influências étnicas. Temos sobrenomes portugueses, como Pereira, Domingues de Oliveira; de origem indígena, como Paraguay e Guabiraba, e sobrenomes, ou melhor, ausência de sobrenomes como dos negros/mestiços Carolina de Tal e Zeferina de Tal e do escravo José. Apesar das “influências” (ou quem sabe origem) étnicas diferentes, quase todos desempenhavam funções semelhantes: lavradores, marceneiros e costureiras. Outro fato interessante nesse processo é a presença de um escravo como “testemunha/informante”, ou seja, ele não tinha o *status* jurídico de testemunha, mas servia como informante. Então ele tinha credibilidade? Acredito que sim.

¹⁹ Talvez seja só coincidência, mas não deixa de ser curioso o fato de o coronel e de o índio terem o mesmo nome.

Segundo o processo, o conflito se dera da seguinte maneira,

No dia 17 de Maio do corrente ano de 1877, vindo o mencionado índio juntamente com Vitor, escravo do mesmo tenente Ribeiro, com algumas cargas com destino a esta vila, a alguma distancia do lugar denominado Giboya matou Joaquim com facadas uma das bestas que conduziam as cargas, e, receoso de que semelhante fato, por intermédio de Vitor, chegasse ao conhecimento de seu amo, entendeu matá-lo. Efetivamente,, achando-se de posse de uma espingarda e de um facão, disparou sobre Vitor a primeira dessas armas, sendo porem mal sucedida em seu criminoso plano, porque o tiro não acertou, lançou mão do facão, com que fez no escravo diversos ferimentos, descritos no corpo de delito, e de que só milagrosamente escapou o paciente²⁰.

Como se vê, a partir do que consta no processo, o conflito se dera porque o índio temera que o negro contasse que ele tinha matado animais pertencentes ao Tenente Joaquim, mas a fala de dois depoentes revela que, além desse temor do índio, haveria uma certa rixa entre os dois. No depoimento do tenente Joaquim, ele descreve como se passara o ocorrido, tomando como ponto de partida o relato que o escravo fizera a ele. O Tenente descreve o diálogo que se deu entre o negro e o índio no momento do conflito: “[...] disse-lhe você quer me matar caboclo, e ele gritou –lhe – mato-te hoje, negro dos diabos”²¹. Continua o Tenente em outro momento de seu depoimento:

[...] o caboclo estava, neste dia, dominado, pois não contente de já ter feito tudo isto, depois que o moleque pode fugir dele, ainda matou o cavalo que o moleque montava, com uma grande facada²².

Estaria o caboclo “dominado” por alguma força demoníaca, pelo ódio, pelos dois... A fúria do índio fora tão grande que, passados 74 dias, o escravo ainda se encontrava enfermo, “pois que aleijado de ambas as mãos, é servido por outros, até para levar-lhe a comida na boca, abotuar e to-

²⁰ Ver “Sumário de Culpa”, 1877, Caixa Diversos (1877-1879), Arquivo do Fórum João Mangabeira/ Vitória da Conquista/BA (Não Catalogado).

²¹ Idem.

²² Idem.

das as mais precisões²³". Qual a razão de tamanha fúria? Haveria uma divergência já anterior com o Tenente ou mesmo com o escravo? O processo não esclarece isso.

Mas mostra que o índio fugira, indo para o distrito de Veruga. De lá, para a Aldeia do Catolé, um antigo aldeamento indígena existente no sertão baiano. Uma das testemunhas diz que o índio Joaquim "procurou a companhia dos índios do Catulé, onde já se tem visto por alguém". Provavelmente estaria seguro e assim permanecera, pois até 1894 ainda não tinha sido detido, prescrevendo dessa forma o processo.

Um outro exemplo da relação entre negros e índios pode ser retirado da obra de Aníbal Viana (1982), que cita como fonte as memórias de Laurinda Silva que, na época em que foi entrevistada por Viana (provavelmente no ano de 1982 ou 1981), tinha 87 anos. Segundo essa depoente, o seu avô, Francisco José Maria da Ponte, o "tio Nagô", escravo do João Gonçalves da Costa, contava que teria sido ele que, a mando do João Gonçalves, teria colocado veneno na bebida dos índios no episódio que ficara conhecido nas crônicas locais como o "banquete da morte"²⁴.

Para o início do século XX não encontramos nas fontes escritas nenhuma alusão à presença indígena na cidade, tampouco seu relacionamento com negros. Entretanto as pesquisas mais recentes em comunidades quilombolas têm demonstrado que a presença indígena dentro dessas comunidades é antiga e remonta ao século XIX²⁵, na comunidade do Boqueirão. E o que exemplifica uma moradora, em um depoimento colhido por Grazielle Ferreira,

Eu nasci no Boqueirão, não sei há quanto tempo existe a comunidade, porque estou com 75 anos e desde quando me entendo por gente, aqui já era Boqueirão. Meus pais nasceram no Boquei-

rão também. Meus avós eu conheci, minha avó chamava-se Marcionília, meu avô chamava-se Roseno. Meus avós eram dessa região, eles foram do cativeiro. Eles (o senhor) pegavam os meus avós, amarravam e judiava deles presos. O cativeiro era lá no Boqueirão. Os negros faziam a roça aqui em baixo, eles diziam que plantavam um "chapéu de mantimento" e eles falavam que era manába. Até hoje tem forquilhas velhas aí nessas capoeiras. Era mato, tudo mato, hoje só tem capoeira. Meus avós eram do cativeiro. Meu bisavô mesmo foi pego "a dente de cachorro", porque era caboclo legítimo (FERREIRA, 2005, p.75).

Em um outro trabalho de pesquisa realizado também no Bouqueirão, desenvolvido por Vanderlucy Barreto, temos também outros depoimentos que fazem referências ao fato de a comunidade ter uma ascendência indígena, além da africana:

O povo de antigamente não gostava de contar nada. Minha vó Feliciano falava que quando eles mudaram pra cá, disse que tinha os índios que morava no mato. Eles pegaram uma menina bonita e meu avô casou com ela. Meu avô ficou com essa menina que era minha vó Feliciano. A minha mãe era dessa cor (apontando para a pele dela), meu pai era bem claro, quase que da sua qualidade. Minha vó Feliciano era índia. Eu lembro que ela tinha uma roça lá em cima numa baixa ai, e que hoje tudo mundo tomou e não é mais nosso. Eu sei que minha mãe tinha uma banda de couro, quando ela vinha da roça, minha vó pedia a ela para pentear o cabelo dela. Eu lembro que íamos para casa de minha vó mais mãe, ela era pequena. (vó) Ela ia trançar meu cabelo, eu gostava de levar meu cabelo para ela trançar, por que o cabelo dela era grande e pro meu crescer também, mas não cresceu não! O cabelo dela era grande e não teve uma neta para puxar ela. O cabelo dela batia... era aquele xale no chão para mãe pentear (BARRETO, 2004, p. 20).

Inegavelmente a história da região de Vitória da Conquista está ligada a um processo de mestiçagem envolvendo índios e negros. Estamos falando de uma região em que este processo está em sua raiz, em sua formação, e que define o próprio caráter que a região assume hoje. Entretanto esta é uma questão que aparece tangencialmente nas pesquisas

²³ Idem

²⁴ O Banquete da morte foi uma festividade organizada pelo João Gonçalves da Costa com o propósito de atrair os índios para posteriormente matá-los. Tal fato foi descrito pelo príncipe Maximiliano durante a sua passagem pela região. Para mais informações ver SOUSA, Maria Aparecida Silva. **A Conquista do Sertão da Ressaca**: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001.

²⁵ Ver FERREIRA, Grazielle. **Cinzento: Memória de uma comunidade negra remanescente de quilombo**. São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, (Dissertação de Mestrado) 1999 e NERY, Vanderlucy Barreto. **Boqueirão: O romper do silêncio**. Monografia de final do curso de Licenciatura em História, 2002.

realizadas sobre a localidade e não mereceu até hoje um estudo aprofundado.

Caminhos de uma pesquisa: memória e identidade de descendentes de índios e negros.

Quais os impactos deste contexto na formação identitária dos moradores da região? Talvez seja uma questão difícil de ser precisada, mas, através do trabalho com as memórias dos depoentes que têm sua ancestralidade ligada a um passado indígena e negro, talvez se consiga chegar próximo às respostas que estou procurando. Este é o caminho que estou percorrendo neste momento. Primeiro no processo de seleção de depoentes e início das entrevistas. Um dos primeiros entrevistados foi Ariosvaldo Cardoso dos Santos, popularmente conhecido como “Moreno”, um dos mais antigos sapateiros de Vitória da Conquista.

A visita com ele foi agendada para 18 de Agosto de 2006. No turno da manhã, a reunião estava marcada para às 8:00 horas da manhã. Cheguei às 8h20. Diante do meu atraso, ele me fez esperar cerca de uma hora antes de iniciarmos a nossa conversa. Deixara claro que não aceitaria deslizes. De início o que me impressionara ao chegar em sua casa era o fato de um homem com mais de 80 anos ainda estar trabalhando no mesmo ofício que iniciara a sua vida. Mesmo contando com um auxiliar que fazia os trabalhos mais pesados, ainda continuava a fazer trabalhos leves como furar buracos em cintos.

A sua casa se destaca pela arquitetura antiga e por concentrar sua moradia e seu trabalho. Na entrada, a foto de três de seus principais troféus: a medalha de comendador, recebida em Brasília; uma foto das terras que conseguira comprar, e uma de Nilton Gonçalves, antigo líder político de Vitória da Conquista com quem dizia ter mantido boas relações.

Sob a mesa da sala mais de 30 cartelas de remédios, com os quais tentava segurar seu coração que não parava de crescer. Morando só, cozinhava e fazia pequenos trabalhos domésticos. A entrevista se dera no sofá da sala, em frente à mesa de remédios

e aos discos de vinil antigos. Fiz um roteiro baseado na perspectiva de Paul Thompson (1998), em que ele apresenta em seu livro “A Voz do Passado” alguns passos e sugestões para fazer um roteiro para se trabalhar com histórias de vida.

Iniciei a entrevista pedindo que ele falasse o seu nome e sua data de nascimento, o que fez logo depois. Ele me disse que era “solteirão”, mas que tinha seis filhos e que todos moravam em São Paulo. Importante destacar que todos esses filhos foram com mulheres brancas. Para mim parece que ele já queria deixar claro esse fato, mostrando como ele “moreno” conseguira ter relacionamentos com “brancos”. Seu pai viera de Santo Antonio de Jesus; era tropeiro. Já quanto a sua mãe e sua ancestralidade, faz a seguinte consideração:

A minha mãe foi neta de índios, aqui, entendeu. Ela sempre contava a história que aonde que morreu o ultimo índio foi na praça Tancredo Neves, esse tempo eu num era nascido ainda. Que teve a vitória onde eles terminaram com os índios. E a Vitória, sobrou o nome Vitória da Conquista, porque também que foi a Vitória que eles ganharam, a batalha, dos índios, né. E tem até uns lugarzim, perto aqui, do outro lado da serra, que chama Batalha, ali tinha muito índio também, os índios vinha por aqui, do outro lado da serra.

Percebe-se que tangencialmente ele toca no fato de que sua mãe era neta de índios. Para ele, o mais importante era mostrar para mim que conhecia a história da cidade. Já a sua associação com um passado ligado à escravidão é logo rechaçada. Vamos à pergunta que fiz para ele:

ENTREVISTADOR: E o pai do senhor. O senhor estava falando da questão dos índios, e o pai do senhor, na época da escravidão, dos escravos tem alguma história que o senhor lembra, assim ...

Esta questão estava no meu roteiro, entretanto a forma como eu elaborei na entrevista sugeria uma ligação de seu pai com a escravidão, o que é prontamente rechaçado por “moreno”, que sobrepõe a minha voz, dizendo enfaticamente: “Não, não lembro, da escravidão eu num lembro, num lembro não”. Enfático incisivo para depois se deixar em um silêncio prolongado. Se sua ancestralidade era indígena, é tangencialmente tocada; quanto ao passado

ligado à escravidão, a negativa é enfática.

Mas inegavelmente a sua identidade é atravessada pela mestiçagem, não por acaso seu nome mais conhecido é “moreno”. Foi este atalho, associado com a sua competência junto a sua profissão, diz ele:

Tinha um mestre. Emiliano, era sapateiro e me chamou para, me botou pra eu ir trabalhar com ele [...] Ai eu fui trabalhei com ele, trabalhei com um bocado de pessoas. E lá eu tive a oportunidade de aperfeiçoar mais do que eles. Hoje eu tenho esses diplomas porque fui mais caprichoso, mais cuidado. Um serviço desse aí se eu não tiver em cima, não sai de jeito nenhum. Tem que ta em cima corrigindo. Como é que ta? Pra sair ao gosto do freguês. Cê sabe não é o dinheiro é difícil de ganhar, e a gente, honro meu nome, eu trabalho hoje, como se diz na profissão. Não é tanto pela necessidade da profissão. Graças a deus o que eu tenho dá pra passar o final da vida tranqüilo, mas é honrar o nome da profissão. Honra meu nome na profissão. É que eu tenho ganho muito nome. Pra você vê esse povão vem de Salvador, tudo quanto é canto pra qui. Faz até vergonha dizer. Vem até de São Paulo. Uns clientes meu vai pra lá e manda serviço. Porque só faço certo.

Identitariamente a questão de sua cor, de sua ancestralidade é dirimida pela competência como Sapateiro. É assim que se identifica, é assim que gosta de ser visto. A fala de “Moreno” nos sugere que a identidade é um processo de escolha entre alternativas socialmente dadas e as individualmente procuradas. É claro que a análise de apenas um depoimento não nos credencia para apresentarmos “conclusões”, mas sim perspectivas de pesquisa. A realização de mais entrevistas com certeza me dará maiores possibilidades de fazer as minhas análises, principalmente nas comunidades remanescentes de quilombo. Infelizmente “Moreno” não poderá mais conceder um depoimento. Os remédios não seguram mais seu coração, ele partiu em Agosto de 2007. Até os últimos momentos de sua vida ele honrou sua profissão.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Edinalva Padre. (Org.) **Ymboré, Pataxó, Kamakã**: A presença indígena no Planalto de Conquista. Museu Regional de Vitória da Conquista – UESB, 2000.
- CONSORTE, Josildeth Gomes. A Mestiçagem no Brasil: Armadilhas e Impasses In **Revista Margem**/Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Fapesp. Numero 10, dezembro de 1999.
- COUTO, Mia. Prefácio. In: HERNANDEZ, Leila. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- FERREIRA, Grazielle. **Cinzento**: Memória de uma comunidade negra remanescente de quilombo. São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, (Dissertação de Mestrado) 1999.
- FERREIRA, Ricardo. Franklin. **Afrodescendente**: identidade em construção. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/FAPESP/Pallas, 2000.
- FUNARI, Pedro. Arqueologia da Serra dos Palmares In REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio**. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 46.
- GLASGOW, Roy . **Nzinka** Resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663. São Paulo, Ed Perspectiva, 1982.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol**. A formação do Estado-nação em Cabo Verde. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2002.
- LARKIN Nascimento, Elisa **O Sortilégio da cor**. Identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo, Selo Negro Edições, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade Nacional versus Identidade Negra. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. 150 p.
- MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. **Ethnos Brasil**, revista do NUPE/Unesp, Marília, v. Ano 1, n. 1, p. 11-20, 2002.
- NASCIMENTO, Washington Santos. Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876–1888). **Afro-Asia (UFBA)**, v. 35, 2007 (p.220-240).
- NASCIMENTO, Washington Santos. Discriminação e desigualdades raciais: 26 anos depois. **Lutas Sociais (PUC-SP)**,

v. 15/16, 2006, (p. 206-208).

NERY, Vanderlucy Barreto. **Boqueirão: O romper do silêncio.** Monografia de final do curso de Licenciatura em História, 2002.

REIS, Eneida. A. **Mulato: negro-não-negro e/ou branco-não-branco - Um estudo psicossocial sobre identidade.** São Paulo, 1997.

REIS, João. Quilombo do Oitiziero In REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio.** História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUSA, Maria Aparecida Silva. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia.** Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001.

TORRES, Tranquilino Leovigildo (1859 – 1896). **O Município da Vitória.** Vitória da Conquista, Ba. Museu Regional de Vitória da Conquista/ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996 (série Memória Conquistense).

VIANA, Anibal. **Revista Histórica de Conquista.** Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, volume 1 e 2, 1982.